

# CONFRONTOS INEVITÁVEIS: EXPLORANDO AS IMPLICAÇÕES DE UMA ALIANÇA CHINA-RÚSSIA NA GEOPOLÍTICA GLOBAL

Sanjar Yakhshilikov<sup>1</sup>

## Introdução

O primeiro conflito entre a China e a Rússia é sobre a Ásia Central. Um dos principais programas da Iniciativa Cinturão e Rota da China inclui sua Rota da Seda cruzando o interior do continente pela Ásia Central. A Rússia nunca permitiu que a China tivesse domínio sobre os países pós-soviéticos. O próximo confronto são os interesses econômicos da Rússia no Sudeste Asiático. Os interesses lucrativos da Rússia no setor de energia no Sudeste Asiático podem incomodar a China para que ela tenha domínio sobre o Mar do Sul da China. A terceira questão é que a Rússia continua vendendo armamentos militares para a Índia e o Vietnã, o que representa uma ameaça para a China, já que a China não se dá bem com nenhum deles.

As relações entre a China e a Rússia entraram em um novo estágio. Ambos optaram por uma política de reaproximação entre si. Desde 2014, a parceria estratégica tem se fortalecido de forma constante. A primazia dos EUA na ordem internacional foi vista como contrastante com seus interesses nacionais, e a política externa dos EUA em relação à China e à Rússia foi aceita como uma ameaça à sobrevivência do regime autocrático do presidente chinês Xi Jinping e do russo Vladimir Putin. A estratégia de balanceamento *offshore* dos EUA facilita a cooperação. A expansão da OTAN em direção à Rússia e a estratégia do Indo-Pacífico livre e aberto em direção à China criaram uma chance para outra cooperação. “As sinergias econômicas - a China quer os recursos energéticos da Rússia, a Rússia quer o investimento chinês - são outro fator importante no relacionamento (Storey, 2021:3)”. Além disso, a afinidade pessoal de Xi e da Rússia levou a relações mais próximas entre os governos. Desde 2013, os líderes se encontraram mais de 30 vezes. O

---

<sup>1</sup> Departamento de Trabalho com Rankings e Índices Internacionais, Jizzakh State Pedagogical University, Jizzakh, Uzbequistão. E-mail: yakhshilikov@jdpu.uz

líder chinês chamou Putin de seu “melhor amigo”<sup>2</sup>. Em 2019, Vladimir Putin disse que os dois países “desfrutaram de um nível de confiança e cooperação sem precedentes. Essa é uma relação aliada no sentido pleno de uma parceria estratégica multifacetada”. Em seguida, ele revelou: “Estamos agora ajudando nossos parceiros chineses a criar um sistema de alerta de ataque de mísseis. Isso é muito importante e aumentará drasticamente a capacidade de defesa da China. Atualmente, apenas os Estados Unidos e a Rússia têm um sistema desse tipo”<sup>3</sup>.

Oficialmente, a Rússia e a China se referem ao seu relacionamento como uma parceria estratégica abrangente de cooperação. Embora alguns observadores tenham descrito as relações sino-russas como uma aliança ou uma aliança, Moscou e Pequim evitam escrupulosamente esse termo. Sua declaração conjunta em 28 de junho de 2021, marcando o vigésimo aniversário da assinatura do Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável, enfatizou que as relações Rússia-China não constituem uma aliança militar e política no estilo da Guerra Fria (Storey, 2021:3).

O Ministro das Relações Exteriores da Rússia também confirmou que “nem a Rússia nem a China estão planejando criar uma aliança militar”<sup>4</sup>.

As relações sino-russas são ricas em reciprocidade e elas se apoiam mutuamente, mas não têm uma intenção robusta de se aliar. A razão por trás disso é a pergunta do trabalho de pesquisa. Por que é impossível a China e a Rússia se aliarem? Quais são as fontes dos confrontos? Por que esses conflitos são inevitáveis? As respostas a essas perguntas explicam minuciosamente a verdadeira natureza das relações sino-chinesas. Além disso, o documento de pesquisa analisa o quanto os interesses estratégicos dos Estados são compatíveis entre si. Ao responder às perguntas e analisar a natureza da relação sino-chinesa, poderemos avaliar as perspectivas dessa cooperação.

O assunto não é novo e há um número significativo de acadêmicos e trabalhos de pesquisa sobre esse tema. Alguns estudiosos estão definindo as relações sino-russas como cooperação de segurança. A Organização de Cooperação de Xangai (SCO) reflete as prioridades de segurança dos Estados da Eurásia.

---

2 Ver <https://www.aljazeera.com/news/2021/11/25/why-are-russia-and-china-strengthening-ties>

3 Valdai Discussion Club session,” Presidente da Rússia, 3 de outubro de 2019, <http://en.kremlin.ru/events/president/news/61719>

4 “Rússia e China não planejam criar aliança militar, diz Lavrov”, TASS, 2 de novembro de 2019, <https://tass.com/politics/1086469>.

A China não só não pode contestar o status da Rússia como um ator importante em questões de segurança, mas Pequim também compartilha preocupações comuns com Moscou sobre problemas de segurança na Ásia Central e do Sul, incluindo extremismo, terrorismo, comércio ilícito, tráfico de armas e contrabando de drogas. Dada a retirada planejada das forças da coalizão ISAF (Força Internacional de Assistência à Segurança) do Afeganistão e a redução da cobertura de segurança dos EUA no Iraque e na Síria, a China e a Rússia intensificaram seu diálogo sobre cooperação em segurança (Arduino, 2019)

O próximo grupo de acadêmicos argumenta que a relação sino-russa é um bloco comercial em vez de alianças ou cooperação de segurança. Eles acreditam que a China e a Rússia são economicamente interdependentes entre si e devem manter a cooperação para seu próprio bem. “A China e a Rússia são grandes parceiros econômicos, cada vez mais ligados pelo comércio e investimento: em 2017, o comércio sino-russo aumentou 20,8% para mais de US\$ 84 bilhões, e a China foi o maior parceiro comercial da Rússia por oito anos consecutivos (Xia, 2018)”. As relações estão ocorrendo sem interrupções, mas eles não estão pensando em se aliar. Outros trabalhos de pesquisa analisaram alguns confrontos nas relações sino-russas. No entanto, todos os conflitos que impedem a aliança raramente foram discutidos em um único artigo. Em particular, os recentes assuntos mundiais relacionados à Rússia e à China estão afetando suas relações e os conflitos parecem ter sido esquecidos, mas ainda estão entre eles como questões inevitáveis. O artigo discutirá essas questões e analisará por que elas são inevitáveis e como dificultam o processo de aliança. As questões que serão discutidas no artigo são a Ásia Central e a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China, os interesses estratégicos da Rússia no Sudeste Asiático, as relações econômicas da Rússia com a Índia e Taiwan em termos de exportação de armamentos militares e conflitos de fronteira, e assim por diante.

Embora Moscou e Pequim possam ter interesses e objetivos que se sobrepõem, eles também possuem interesses e prioridades nacionais distintos que podem dar origem a casos de discórdia e antagonismo. Uma possível área de discórdia entre Moscou e Pequim diz respeito aos seus relacionamentos individuais com os Estados Unidos. Embora seja provável que ambas as nações vejam os Estados Unidos como um adversário estratégico importante, é plausível que cada uma delas tenha perspectivas divergentes em relação à abordagem mais eficaz para confrontar a hegemonia americana. Por exemplo, o objetivo prioritário de Moscou parece ser o de diminuir a influência dos EUA na Europa e no Oriente Médio, enquanto Pequim direciona sua atenção para estabelecer sua posição no domínio da Ásia-Pacífico e desafiar a predominância

americana no cenário econômico global. Juntamente com suas abordagens distintas em relação aos Estados Unidos, Moscou e Pequim podem ter divergências em relação a outras preocupações regionais e globais, incluindo conflitos territoriais, estratégias comerciais e parcerias geopolíticas. A Rússia e a China têm um registro histórico bem estabelecido de atritos diplomáticos em relação à sua fronteira territorial e podem ter perspectivas divergentes sobre a abordagem ideal necessária para administrar a atual turbulência na Síria ou as circunstâncias predominantes na Coreia do Norte. A percepção coletiva de Moscou e Pequim pode sugerir que os Estados Unidos servem como um oponente compartilhado; no entanto, seus respectivos interesses e prioridades nacionais individuais podem, às vezes, provocar discrepâncias e até mesmo atritos entre eles.

Há vários motivos para Moscou e Pequim estarem em desacordo. Inicialmente, as duas têm diferenças históricas e culturais. A Rússia e a China possuem heranças históricas e culturais diferentes que podem influenciar suas percepções e preferências, levando a visões de mundo distintas. Uma ilustração da distinção entre a Rússia e a China em termos de suas tradições culturais e políticas é digna de nota, dada a exposição prolongada da Rússia à influência europeia e a conseqüente percepção de pertencimento ao mundo ocidental, ao contrário da China, que desenvolveu uma identidade cultural e política distinta, independente da influência ocidental. A Rússia tem um legado substancial e duradouro de influência cultural europeia que pode ser rastreado até sua infância como o nexu da ordem social eslava oriental durante o período medieval. Ao longo de sua história, a Rússia passou por transformações significativas sob a influência de diversos fatores culturais e políticos. Esses fatores incluíram o Império Mongol, o Império Bizantino e a Igreja Ortodoxa, entre outros. Ao longo dos tempos contemporâneos, a Rússia desenvolveu uma afiliação multifacetada com o mundo ocidental, envolvendo-se em um padrão cíclico de adoção e rejeição de ideologias e estabelecimentos ocidentais. Durante o reinado de Pedro, o Grande, no século XVIII, a Rússia passou por um processo significativo de ocidentalização. Por outro lado, no decorrer do regime soviético do século XX, o país adotou uma postura inequivocamente antiocidental. A China, por outro lado, é caracterizada por um patrimônio cultural e político distinto que se desenvolveu independentemente do mundo ocidental. A história da China se estende por mais de cinco milênios e foi moldada por uma gama diversificada de tradições filosóficas e religiosas, principalmente o confucionismo, o taoísmo e o budismo. A China é conhecida por seu rico legado de governança centralizada e formações sociais hierárquicas, que tiveram um profundo impacto sobre as estruturas políticas e econômicas do país. As visões de mundo e prioridades

divergentes entre a Rússia e a China são ocasionalmente atribuídas às disparidades históricas e culturais distintas entre elas. Como ilustração, é plausível que a Rússia se perceba como um componente integral da esfera ocidental e enfatize a promoção da colaboração com a Europa e a América do Norte. Por outro lado, a China poderia se considerar uma civilização separada com sua identidade e interesses exclusivos. Essas divergências podem se tornar visíveis em domínios que incluem a diplomacia global, a estratégia fiscal e as preocupações com a proteção local, resultando posteriormente em possíveis contradições ou tensões no relacionamento entre as instituições políticas de Moscou e Pequim.

O próximo conflito surge entre seus interesses estratégicos. Embora a Rússia e a China possam perceber os Estados Unidos como um adversário estratégico, suas abordagens para neutralizar o poder e a influência dos EUA podem divergir. Por exemplo, pode-se observar que a Rússia apresenta um nível mais alto de priorização no reforço de sua presença e influência na Europa e no Oriente Médio. Por outro lado, a China parece dar mais ênfase às questões relativas à região da Ásia-Pacífico, bem como à busca da supremacia econômica global. As principais preocupações estratégicas da Rússia estão centradas na manutenção de sua posição como potência global proeminente, na proteção de sua soberania geográfica e na promoção de uma estrutura de segurança confiável em suas proximidades. Ao longo de sua história, a Rússia tem se esforçado para exercer sua autoridade e controle sobre territórios adjacentes e regiões demarcadas, incluindo Ucrânia, Belarus e Ásia Central, como forma de atingir seus objetivos. A Rússia se esforça para manter sua presença militar em regiões como o Oriente Médio e a Europa, com o objetivo de afirmar sua capacidade de exercer poder e influência.

Em contrapartida, o principal objetivo da China está centrado em sustentar sua expansão econômica e garantir a disponibilidade de recursos e mercados essenciais na arena global. A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China é considerada um componente integral de seus interesses estratégicos. O principal objetivo dessa iniciativa é estabelecer uma vasta rede que englobe projetos de comércio e infraestrutura que servirão como um canal para conectar a China aos principais mercados da Ásia, África, Europa e Oriente Médio. Os objetivos estratégicos da China abrangem a proteção de suas reivindicações territoriais no Mar do Sul da China, além de garantir a estabilidade na península coreana. Embora a Rússia e a China considerem os Estados Unidos como um adversário estratégico, seus objetivos estratégicos discrepantes podem ocasionalmente resultar em discórdia entre si. Por exemplo, o objetivo da Rússia de se manter como uma entidade global dominante pode levar à priorização de sua influência na Europa e no Oriente Médio em detrimento

dos esforços de colaboração com a China em outras regiões geográficas, especificamente na Ásia. Da mesma forma, a ênfase da China em alcançar a expansão econômica pode levar a uma preferência pela priorização de vínculos econômicos com os Estados Unidos em vez da colaboração estratégica com a Rússia. O impacto dos interesses estratégicos na dinâmica das relações entre Moscou e Pequim é significativo. Embora indivíduos ou grupos possam ter certos interesses comuns, suas prioridades e objetivos variados têm o potencial de resultar em decisões políticas divergentes e, em alguns casos, até mesmo levar a conflitos.

## A Ásia Central e a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China

A Ásia Central é um dos principais motivos pelos quais a Rússia não pode se aliar à China. Desde o colapso da União Soviética em 1991, os países pós-soviéticos, a saber, Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Turcomenistão e Tajiquistão, estão sob a influência da Rússia. A Rússia tem muitos interesses estratégicos na região. “O medo da Rússia do domínio econômico da China na Ásia Central, onde Moscou tenta manter sua influência e seu papel privilegiado, agora se tornou um fato bem estabelecido (Ferrari e Ambrosetti, 2019)”. A influência chinesa na Ásia Central começou em 2013, quando a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) foi lançada. A única coisa que impediu os países de entrarem em um conflito direto e duro foi o fato de os interesses serem um pouco diferentes. A Rússia busca apenas seu domínio político na região. Como os países são subdesenvolvidos e em desenvolvimento em termos econômicos, a Rússia não consegue obter lucros significativos desses países. No entanto, a China criou sua BRI, a região é economicamente atraente para a China e a influência da China está aumentando passo a passo. Portanto, o confronto existe, mas não é tão crítico. No entanto, esse conflito está se tornando cada vez mais difícil. A influência da China na região está crescendo e sua influência econômica está impactando os setores políticos e sociais da região.

Tanto a China quanto a Rússia afirmam oficialmente que não há conflitos em relação à Ásia Central. O principal diplomata da Rússia, Sergey Lavrov, disse: “Não consideramos a China um concorrente. Somos parceiros estratégicos, e os planos da Rússia e da China com relação a essa região (Ásia Central) e, de modo geral, com relação à Grande Eurásia, não se contradizem”<sup>5</sup>. A literatura acadêmica destaca os interesses de ambas as partes em encontrar um terreno comum e resolver conflitos. Embora se reconheça que a Rússia

---

<sup>5</sup> Ver “<https://tass.com/economy/1043332/>”

foi forçada a abrir mão de algumas de suas influências na Ásia Central para a China, a narrativa dominante sobre a presença russa e chinesa na região baseia-se na premissa subjacente de que os dois países dividiram as funções igualmente, em que a China se concentra em atividades econômicas e a Rússia atua como provedora de segurança da região (Wilson, 2021). Embora haja poucos sinais de descontentamento oficial entre as autoridades russas e chinesas sobre suas negociações na Ásia Central, o tempo está se esgotando para a Rússia. Com poucas alternativas, uma Rússia cada vez mais defensiva enfrenta uma China em ascensão. A Rússia pode, teoricamente, optar por se vincular mais estreitamente ao Ocidente ou, no mínimo, se esforçar para curar as tensões.

Os interesses econômicos da China na Ásia Central tornaram-se cada vez mais multifacetados. O acesso à energia, às matérias-primas e aos minerais da Ásia Central é um objetivo importante para a China, como indicam os oleodutos que transportam petróleo do Cazaquistão e gás do Cazaquistão, do Turcomenistão e do Uzbequistão. Além disso, a Ásia Central é vista como um corredor estratégico e vital para a transmissão de mercadorias da China para a Europa dentro da BRI, o que levou ao interesse chinês em vários projetos de infraestrutura na região, incluindo a construção de estradas e ferrovias (Wilson, 2021).

O impacto econômico da China agora é visto no montante da dívida que os cinco países receberam. “O aumento do volume da dívida na Ásia Central é um problema político importante, pois o endividamento aumenta a dependência política dos credores. A China continua sendo a principal fonte de empréstimos na região. Sua participação na dívida externa do Quirguistão e do Tajiquistão é de 45% e 52%, respectivamente, ou mais de 20% do PIB deles. A situação é melhor nos países ricos em recursos. Os empréstimos da China representam de 16% a 17% do PIB do Turcomenistão e do Uzbequistão, enquanto o indicador do Cazaquistão é o mais baixo e equivale a 6,5%”<sup>6</sup>. O papel da China nas importações e exportações da região aumentou significativamente. A China é o parceiro comercial número um do Uzbequistão e do Quirguistão e o segundo do Cazaquistão em termos de importações. Conforme mencionado no início da seção, o domínio da China na economia é aceitável para as relações sino-russas. O que tornou as relações difíceis foi o aumento da influência política e social da China.

As atividades militares e relacionadas à segurança da China

---

<sup>6</sup> Ver “<https://www.eurasian-research.org/publication/the-risks-of-the-high-government-debt-for-central-asia/>”

começaram a incomodar o domínio da Rússia. A Ásia Central é um mercado para a China e a Rússia na venda de armamentos. Eles também têm atividades militares conjuntas na estrutura da Organização de Cooperação de Xangai. Essa mesma organização deu à China a oportunidade de realizar atividades militares e relacionadas à segurança. “O sistema universitário da Associação de Participação de Xangai (SCO) foi impulsionado em 2010 como outro estágio de colaboração no campo de treinamento e intercâmbio de força de trabalho (Sulimanov e Beloglazov, 2018)”. Embora a Rússia tenha sido o principal vendedor de armas para a Ásia Central até 2010, esse número começou a mudar gradualmente para o lado da China. “A China forneceu 1,5% das importações de armas da Ásia Central entre 2010 e 2014, e esse número aumentou para 18% do total nos períodos de 2015 a 2018. Enquanto o Uzbequistão comprou mais armas da China do que da Rússia durante todo o período de 1991 a 2018, entre 2014 e 2018, tanto o Uzbequistão quanto o Turcomenistão compraram mais armas da China do que da Rússia (Wilson, 2021)”. O aumento da China na esfera militar na Ásia Central pode ser explicado não apenas pelos números, mas também pela qualidade das armas. A China exporta tecnologias militares mais avançadas do que a Rússia. A China cria uma oportunidade de intervir com seus militares na região com o objetivo de proteger suas empresas, infraestruturas e outros. A vida social da população da Ásia Central já está profundamente ligada à China. As tecnologias, as redes, as telecomunicações e todos os mecanismos das fábricas são projetados com produtos chineses. Nesse campo, a Rússia já perdeu a Ásia Central para a China.

Portanto, o próximo passo da China é separar totalmente a Rússia da Ásia Central, e a Rússia nunca concordará com isso. Portanto, o confronto surge como inevitável, e o futuro da Ásia Central é altamente dependente dessa rivalidade.

## Interesses estratégicos da Rússia na região da Ásia-Pacífico

Um dos motivos da aproximação sino-chinesa são as preocupações de segurança de ambos os países na região Ásia-Pacífico. Tanto a China quanto a Rússia têm muitos interesses estratégicos na região e têm um inimigo mútuo: os Estados Unidos. A área da Ásia-Pacífico é o epicentro do crescente desequilíbrio entre a China e a Rússia. O empobrecido e pouco habitado Extremo Oriente russo colide com uma China cada vez mais poderosa e em crescimento. Outros exemplos, mas igualmente informativos, de como uma variedade de preocupações práticas são tratadas entre as duas nações

podem ser encontrados nas relações bilaterais. “Seu principal interesse na região parece ser evitar antagonizar a China e proteger essa relação bilateral (Rumer, 2017)”. Desde meados dos anos 2000, a Rússia tem tentado ampliar sua posição na região da Ásia-Pacífico. O objetivo é aumentar o domínio da Rússia na área, que ela considera como o futuro foco econômico e político do mundo. Esse objetivo também pode ser considerado como uma resposta ao rebalanceamento regional dos Estados Unidos e à ascensão da China. O principal objetivo da estratégia russa na área da Ásia-Pacífico é manter a segurança nacional. Em comparação com a China, o enorme e pouco povoado Extremo Oriente da Rússia é uma desvantagem. A China nunca foi formalmente identificada como uma ameaça à segurança pela Rússia. No entanto, ela é um componente da mentalidade russa, conforme evidenciado pelos ativos militares preparados para enfrentar um grande oponente. A Rússia, como país, tem uma orientação ocidental. A capacidade da Rússia de expandir sua influência é prejudicada pelo ambiente da Ásia-Pacífico. A Rússia, assim como em outras regiões do mundo, tem tido dificuldade em fazer e manter aliados nessa região. A política externa da Rússia na área se concentra principalmente em laços bilaterais com outras nações importantes, especialmente com a China.

O ambiente na região da Ásia-Pacífico é muito semelhante ao da Ásia Central em termos de relações sino-russas. O confronto está crescendo com a crescente influência da Rússia na região. Essa influência crescente é vista nas vendas de armas. Desde 2000, a Rússia se tornou o maior fornecedor de armas da região, com vendas avaliadas em US\$10,66 bilhões (os Estados Unidos estão em segundo lugar, com US\$7,86 bilhões)<sup>7</sup>.

Embora a China esteja aumentando sua participação no mercado de vendas de defesa no Sudeste Asiático, ela continua muito atrás da Rússia. Entre 2000 e 2020, as vendas de defesa da China para o Sudeste Asiático foram avaliadas em apenas US\$2,78 bilhões. No mercado regional de armas, a Rússia tem duas vantagens distintas sobre a China. Primeiro, as empresas de defesa russas têm uma reputação melhor do que suas contrapartes chinesas pela qualidade e confiabilidade de seus sistemas de armas, bem como pelos serviços pós-venda, como suporte técnico, manutenção e fornecimento de peças de reposição. Em segundo lugar, os estados regionais com disputas territoriais e jurisdicionais marítimas com Pequim no Mar do Sul da China - Malásia, Filipinas, Brunei, Indonésia e, especialmente, Vietnã - evitaram adquirir armas da China (Storey, 2021)

---

<sup>7</sup> Ver Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI), “<https://www.sipri.org/databases/armstransfers>”.

Os interesses estratégicos da China na região são muito maiores do que os da Rússia. O cerne de todas as disputas territoriais no Mar da China Oriental e no Mar da China Meridional são os interesses estratégicos. Após um “século de humilhação”, durante o qual forças externas controlaram a área da Ásia-Pacífico, a China está ressurgindo como uma grande potência. Desde 2007, a China tem se tornado cada vez mais assertiva em sua busca por reivindicações históricas, principalmente no Mar do Sul da China. É fundamental que a China mantenha sua imagem de potência emergente pacífica e de “parte interessada responsável”. Os países do Sudeste Asiático, bem como os países da Ásia-Pacífico, sentem a primazia chinesa como uma ameaça e, na maioria dos casos, precisam cooperar com os EUA. A única coisa que alivia as tensões com a Rússia é que a China está sentindo a pressão dos EUA. Quase todos os países da região estão balanceando com os EUA e a China precisa de alguém que a apoie ou, pelo menos, não há necessidade de outro inimigo neste exato momento. No entanto, a Rússia é o principal fornecedor de armas da Índia e do Vietnã e dos países do Mar do Sul da China. Embora haja várias disputas territoriais com esses países, é natural que as relações entre a China e a Rússia enfrentem conflitos. Esses conflitos são inevitáveis até que a Rússia interrompa o fornecimento de armas, o que é muito prejudicial para sua economia.

## Conclusão

As relações sino-russas estão em um novo estágio, e todas as tensões e confrontos foram negligenciados por ambos os lados. Eles sentem que precisam de mais apoio em vez de questões externas adicionais. A relegação destas tensões é vista como um bom relacionamento com acadêmicos e líderes mundiais. De fato, essas tensões e confrontos negligenciados na Ásia Central e na região da Ásia-Pacífico nunca permitiram que os países se aliassem. Eles não teriam cooperado se não houvesse um inimigo mútuo. A comunidade mundial poderá testemunhar outro grande conflito entre a China e a Rússia pela hegemonia regional.

## REFERÊNCIAS

- Ian Storey, *The Russia-China Strategic Partnership and Southeast Asia: Alignments and Divergences*, ISEAS Perspective. No. 177 (2021) p. 3.  
<https://www.aljazeera.com/news/2021/11/25/why-are-russia-and-china-strengthening-ties>
- “Valdai Discussion Club session,” President of Russia, October 3, 2019,

<http://en.kremlin.ru/events/president/news/61719>

Ian Storey, *The Russia-China Strategic Partnership and Southeast Asia: Alignments and Divergences*, ISEAS Perspective. No. 177 (2021) p. 3.

“Russia, China not planning to create military alliance, Lavrov says,” TASS, November 2, 2019, <https://tass.com/politics/1086469>.

Alessandro Arduino, *Russia and China: An Enhanced Security Cooperation, Russia and China. Anatomy of a Partnership*, (2019), p. 63

L. Xia, “Facts & Figures: China-Russia economic ties in fast lane”, Xinhuanet, 11 September 2018.

Aldo Ferrari and Eleonora Tafuro Ambrosetti, *Russia and China: Countering the Dominance of the West, Russia and China. Anatomy of a Partnership*, (2019) p. 21.

<https://tass.com/economy/1043332/>

Jeanne L. Wilson, *Russia and China in Central Asia: Deepening Tensions in the Relationship*, *Acta Via Serica*, Vol. 6, No. 1, June 2021. p. 61

Jeanne L. Wilson, *Russia and China in Central Asia: Deepening Tensions in the Relationship*, *Acta Via Serica*, Vol. 6, No. 1, June 2021. p. 65.

<https://www.eurasian-research.org/publication/the-risks-of-the-high-government-debt-for-central-asia/>

Azamat S. Sulimanov and Albert V. Beloglazov, *Geopolitical interests of China in Central Asia*, *Revista San Gregorio* (2018), p. 3.

Jeanne L. Wilson, *Russia and China in Central Asia: Deepening Tensions in the Relationship*, *Acta Via Serica*, Vol. 6, No. 1, June 2021. p. 66.

Eugene B. Rumer, *Russia’s China Policy: This Bear Hug Is Real*, NBR special report, No. 66 (2017), p. 32.

The Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), <https://www.sipri.org/databases/armstransfers>.

Ian Storey, *The Russia-China Strategic Partnership and Southeast Asia: Alignments and Divergences*, ISEAS Perspective. No. 177 (2021) p. 4.

## RESUMO

As relações atuais entre a China e a Rússia são o resultado das políticas de reaproximação de ambos os países. Os temores compartilhados sobre a hegemonia dos EUA, os benefícios econômicos mútuos e os fortes vínculos entre Xi Jinping e Vladimir Putin levaram as relações sino-russas a um novo estágio. A Rússia precisa de segurança regional no Sudeste Asiático e, embora os interesses estratégicos da China e da Rússia não coincidam na região, ambas estão ansiosas para conter os EUA. As recentes questões de fronteira entre a Rússia e a Ucrânia são bem parecidas com as questões entre a China e Taiwan, o que também faz com que os países sintam a reciprocidade entre si. Os resultados das duas questões podem ser os mesmos. Moscou está se certificando, com o passar do tempo, de que a reaproximação com o Ocidente é impossível, a Rússia sofrerá sanções econômicas e o Ocidente já começou a reduzir sua integração com o país. Apesar de todas as parcerias e da reciprocidade, a China e a Rússia ainda não são aliadas. Os confrontos inativos entre os dois superam todos os aspectos positivos mencionados acima.

## PALAVRAS-CHAVE

Política de reaproximação; Potência regional; Aliança; Conflitos; Interesse estratégico.

*Recebido em 31 de março de 2023*

*Aceito em 07 de agosto de 2023*

*Traduzido por Eduardo Secchi*